



**Universidade:  
presente!**

**UFRGS**  
PROPEAQ



**XXXI SIC**

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2019
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Duração, composição e molde silábicos na Libras
<b>Autor</b>	CANDICE BATISTA DE FRAGA
<b>Orientador</b>	LEANDRO ZANETTI LARA

Duração, composição e molde silábicos na Libras

Autor: Candice Batista de Fraga; Orientador: Prof. Dr. Leandro Zanetti Lara – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esta pesquisa insere-se no projeto *Unidades Fonológicas na Língua de Sinais Brasileira (LSB)* e constitui um estudo da sílaba na Libras, mais especificamente quanto a sua composição, ou seja, quanto à determinação de seus elementos constitutivos, com vistas a propor um padrão de molde silábico para a Libras. Tomou-se como base teórica o Modelo Prosódico da Fonologia das Línguas de Sinais (Brentari, 1998) e os estudos fonéticos de Wilbur (1986, 2010) sobre a duração das sílabas na Língua de Sinais Norte-Americana – *American Sign Language (ASL)*.

Nas línguas sinalizadas, a maioria dos sinais são monomorfêmicos, sendo que, para alguns teóricos, todos os sinais monomorfêmicos são também monossilábicos. Outros estudiosos (como Wilbur, 2010) contradizem este entendimento, argumentando que há sinais monomorfêmicos que são dissilábicos, porém estes estariam submetidos a restrições de formação silábica: ambas as sílabas devem ser imagens especulares uma da outra com movimentos em sentido inverso e em angulação de 180° (na maioria dos casos) e 90° (menos comumente).

As análises quanto à duração e peso silábicos, bem como da estrutura do sinal quanto ao número de sílabas (monossilábico, dissilábico ou polissilábico) e quanto ao molde silábico (distribuição e classificação dos elementos intrassilábicos) foram, na maioria das vezes, aplicadas a dados da ASL, carecendo, ainda, trabalhos desta natureza em relação à Libras. O objetivo desta pesquisa é, portanto, contribuir para a descrição da fonologia da Libras através da testagem da aplicação dos modelos fonológicos já consagrados nos estudos descritivos da ASL, sobretudo avaliando, para os dados da Libras, três hipóteses: 1) a de que sílaba sinalizada tem duração comparável à da sílaba falada (Wilbur, 2010); a de que a composição silábica dos sinais não está limitada à extensão monossilábica, havendo sinais di- e polissilábicos; a de que o peso e a duração silábicos dependem diretamente do parâmetro fonológico *movimento*, conforme os estudos prosódicos de Brentari (1998).

Para a realização da análise, recolhemos um *corpus* de 10 vídeos disponíveis na Internet, tomando como critério de escolha o registro de sinalizações o mais espontâneas possível. Os dados foram transcritos em frases com glosa e sua respectiva correspondência em escrita de sinais (*Sign Writing*), bem como comparados à descrição apresentada no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (Capovilla; Raphael, 2017).

Resultados preliminares apontam a verificação das três hipóteses, com exclusão da possibilidade de polissílabos, bem como apontam para a necessidade de se considerar os dois tipos de movimentos estabelecidos pela literatura em fonologia de línguas de sinais, o movimento fonológico e movimento fonético (epêntese de movimento, na terminologia de Liddell; Johnson (1989)), para se medir a duração silábica.